



Ismar  
Becker

beckerismar@gmail.com



Alexandre  
Garcia

editoria@gazetasbs.com.br

## Mais um passo para o abismo

**O** Brasil nunca teve contas externas tão boas. Somos credores líquidos em Dólar. Temos saldos da Balança Comercial de uns 100 Bilhões de Dólares anuais, até o final da década. Por que o mercado entrou em pânico?

Economia tem dois componentes:

Indicadores Macroeconômicos Internos/ Externos.

Psicológicos - Expectativas do mercado (consumidores e investidores).

Populistas mundo afora negam o primeiro porque acreditam nas máximas de que "onde tem uma necessidade nasce um direito", "gasto é vida", "governos podem se endividar sem limite, porque emitem moeda". Vamos ver porque a irresponsabilidade macroeconômica afetou o psicológico do mercado?

### EVENTOS PRIMEIRO SEMESTRE

**I**nterno: O crescimento do PIB surpreendeu positivamente. Foi de 0,8% no primeiro trimestre. Até o investimento aumentou. Mesmo com a catástrofe no Rio Grande do Sul, devemos ter crescido no segundo trimestre.

**E**xterno: Inflação não está caindo, mesmo com juros altos. Consumo aquecido, combinado com desemprego baixíssimo, obrigou o FED (Banco Central) a manter os juros, que devem ficar no patamar atual ou, no máximo, cair pouco até o final do ano.

O FED determina a taxa de juros mundiais. Se um país com risco

quase zero (há controvérsias) paga 5,25 a 5,50% ao ano, com uma inflação projetada de 3%, um país com uma inflação semelhante, mas com risco interno alto (sem responsabilidade fiscal), tem que pagar uns 5 pontos a mais.

Conclusão: Os juros do Brasil só caem quando os juros dos EUA caírem.

### RUÍDOS INTERNOS

Em 2023 tivemos um déficit fiscal primário (antes dos juros) de 2,5% do PIB. Normalmente os governos abrem o caixa no último ano do mandato. Este (des)governo começou a festejar no primeiro ano.

A proposta aprovada pelo Congresso era zero em 24, superavit de 0,25% em 25 e 1% do PIB em 26, foi parar o vinagre.

Embora nem a Velhinha de Taubaté acreditasse, o mercado deu um voto de confiança, pois entendeu que não seria um poço sem fundo, como o da Nova Matriz Econômica.

A lua de mel acabou quando a metade deste ano foi reduzida para zero, mesmo sabendo que teremos um déficit de uns 0,25%. Isto somado com um Festival de Besteiras que assolou o país, com as incontinências verbais do Aiatolá de Garanhuns, cobrou o preço: uma desvalorização de 14% do Real, e um início de pânico no mercado. Melhou um pouco com uma reunião de emergência (mais uma), onde colocaram um esparadrapo na boca do chefe. Ninguém aposta quanto tempo vai durar.

Resumo da avaliação do primeiro semestre: No final de 2024 podemos ficar com saudades do pânico do primeiro semestre.

**A beira do abismo, dando um passo a frente!**

### BOMBA RELÓGIO

O Arcabouço Fiscal é uma peça de ficção. Só fica de pé com um enorme aumento da arrecadação. É a história do corretor de imóveis que gasta a comissão do imóvel que ainda não vendeu.

A conta não fecha porque mais de 50% das despesas foram indexadas pela inflação + aumento da arrecadação + aumento real do Salário-Mínimo. Sem mexer na Previdência, nos BPC/Loas (benefício para quem não pagou INSS) e nas despesas obrigatórias da Saúde e Educação, até 2026 não sobrará um tostão para investimentos.

### TEM SOLUÇÃO?

Duas soluções são relativamente fáceis:

1. Desindexação: Acabar com o aumento real do Salário-Mínimo, já que pouquíssimos que tem carteira assinada ganham o SM. Acabar com indexação dos aumentos do Salário-Mínimo, com outros benefícios. Para isto basta uma canetada.

2. Despesas Obrigatórias: Acabar com gastos obrigatórios na Saúde e Educação. Isto só é possível após as eleições municipais, pois depende do Congresso.

3. Reforma Administrativa: Corte na carne dos gastos com pessoal. Isto depende de vontade política do governo. Não vai acontecer.

### FARRA ELEITORAL

Com a popularidade em queda, brigas internas aumentando, senilidade avançando, Janja reclamando. Com que dinheiro o Aiatolá de Garanhuns vai financiar a campanha?

Resumo da avaliação do primeiro semestre: No final de 2024 podemos ficar com saudades do pânico do primeiro semestre.

Ismar Becker é empresário e escreve quinzenalmente às quintas-feiras.

## Dengue e covid

**P**or que a dengue não tem o ibope da Covid? Em dezembro de 2021, 172 milhões de brasileiros, segundo o Ministério da Saúde, já haviam recebido duas doses da vacina experimental - 80% da população. Agora temos a dengue, uma dolorosa doença que já matou 4 mil brasileiros no mínimo e fez sofrer 6 milhões. Ainda podem ser atribuídas à dengue mais 3 mil mortes, elevando a perda a 7 mil vidas. Os números atuais são recordistas na história da dengue no Brasil. No entanto, ao que se sabe, importamos apenas 6 milhões de doses, o que dá para 3 milhões de brasileiros, ou menos de 1,5% da população.

Enquanto a dengue é nossa velha conhecida, a Covid chegou envolta em mistério e foi fácil gerar pânico. A dengue, de prevenção relativamente óbvia, e com vacina testada e pronta, parece não receber a atenção daqueles que já usaram de todos os meios para apavorar a população contra o vírus que seria proveniente de morcego. O morcego assustou mais que o mosquito. O bom e velho fumacê expulsa o mosquito da dengue; mas se evaporou. As equipes de saúde que combatiam a febre amarela de casa em casa, sumiram. Campanhas sobre água parada em lixo, nos quintais e vasos de apartamento foram esquecidas. E a vacina foi comprada em quantidade insuficiente.

A cada ano fica pior, basta olhar o gráfico de mortes, que vem subindo, inclusive no Distrito Federal, que é o campeão, vindo depois estados como Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo,

Paraná e Santa Catarina. E diz o Índice de Progresso Social que Brasília é o melhor lugar do Brasil. Pelo jeito, também para o mosquito. Que progresso social é esse em que somos incapazes de impedir a perigosíssima dengue hemorrágica? O pior é que a pouca vacina que está disponível não tem sido procurada, depois da frustração do experimento da Pfizer que, além de não ser eficaz na imunização e contágio, ainda vem com consequências que assustam. A vacina do Instituto Butantan contra a dengue, que está na última fase de teste, se mostra eficaz e segura, em dose única. Mas precisa completar neste mês os cinco anos de testes com 17 mil voluntários. Depois, esperar pela Anvisa e pela produção em massa. Só no ano que vem. Por enquanto, temos uma tetravalente aprovada na Indonésia, União Europeia e Anvisa, em duas doses.

Então cabe a pergunta: por que tratamos a dengue com obsequioso recato, depois de termos sido capazes de apavorar as pessoas com o vírus covid-19?? Ao se comparar a campanha no governo Bolsonaro e a discrição dengosa no governo Lula, parece evidente que, também nas epidemias, aplicam-se as diferenças de tratamento que temos observado no Judiciário. Não se trata de uma enfermidade desimportante. Os que tiveram dengue nos fazem relatos terríveis; a dengue hemorrágica é ainda pior. Mas não é justo para a população que ela seja usada por motivos políticos, em campanhas e em omissão de campanhas, que dependem de quem está no governo.

Alexandre Garcia é jornalista e apresentador. Escreve às quintas-feiras sobre economia e política.